



# RODA DE CONVERSA COMO METODOLOGIA DE ENSINO SOBRE GÊNERO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Renato Marcondes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Especialista em Ensino de Química/ [renatomarcondes.renato@gmail.com](mailto:renatomarcondes.renato@gmail.com)

**Resumo:** Vivencia-se atualmente a necessidade de proporcionar espaços que permitam as discussões acerca das relações de gênero, haja visto que esta temática pode gerar muitas dúvidas. Portanto, objetiva-se apresentar um relato de experiência sobre uma metodologia empregada em uma turma de 9º ano para se trabalhar o conteúdo de gênero. A metodologia desenvolveu-se enquanto uma roda de conversa. Concluiu-se que estes ambientes coletivos de aprendizagem se mostram muito promissores para a construção dos conceitos sobre gênero.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental, Gênero, Relato de Experiencia, Roda de Conversa.

## 1. Introdução

Sobre relações de gênero e diversidade sexual:

A relação entre o conhecimento científico e o conhecimento histórico cultural constrói individualidades, modos de ser e variedades. Portanto, ensinar, debater e conhecer as relações de gênero e a diversidade sexual na sala de aula é permitir que o aluno reconheça e valide essa diferença, como um conhecimento válido e orientador de suas ações prático-políticas. (CREMA, 2016, p. 59).

Portanto, evidencia-se a emergência de proporcionar espaços que permitam a construção de tais aspectos, baseadas em um discurso amplo e diversificado.

Tais questões se fazem muito presentes no contexto escolar, principalmente na faixa etária que compreende a adolescência. E por vezes “geram dúvidas, situações difíceis para professoras, alunas, mães e todas as profissionais envolvidas no processo educativo” (WOLFF; SALDANHA, 2016, p. 15).

Portanto, carecem de um trabalho bem estruturado para seu ensino e aprendizagem. E com isso, compreendemos gênero enquanto:

O gênero, que se refere aos aspectos culturais, históricos e sociais de como se classificam as pessoas a partir das diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1990) e que categoriza as pessoas como femininas ou masculinas (cisgêneros), transgêneros (trans-homem, trans-mulher) ou não binárias e que também se relaciona com o que tem sido chamado de “expressão” ou “papel” sexual, ou seja, como as pessoas performatizam ou representam seu gênero. (WOLFF; SALDANHA, 2016, p. 15)

Observa-se que a complexidade que permeia os estudos sobre gênero, brevemente apresentados acima, juntamente com as questões da esfera de



ensino, compõem a problemática que são as metodologias para se trabalhar tais conceitos, de maneira construtiva e significativa aos alunos.

Com base nisso, objetiva-se neste trabalho, apresentar um relato de experiência sobre uma metodologia empregada em uma turma de 9º ano para se trabalhar o conteúdo de gênero.

## 2. A roda de conversa: um instrumento metodológico

Para o desenvolvimento desta atividade, enquanto uma proposta metodológica, buscou pautar-se no trabalho de Moura e Lima (2014), intitulado como “A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível”, que apresenta esta abordagem justamente como uma metodologia possível, aplicável e muito positiva para o contexto escolar.

As rodas de conversa consistem em ambientes de participação coletiva de debate acerca de uma determinada temática, e que possibilitam “a ressonância coletiva, a construção e reconstrução de conceitos e argumentos pela escuta e pelo diálogo com os pares e consigo mesmo” (MOURA; LIMA, 2014, p. 28).

## 3. Desenvolvendo a roda de conversa

Este relato se deu em uma escola da rede particular de ensino no estado de Santa Catarina, Brasil. Esta escola contava com uma disciplina (relatada em outro artigo deste evento, pelo mesmo autor) totalmente pensada para abordar temáticas transversais. O relato aqui tecido, desenvolve-se em uma turma do 9º da referida escola, a roda de conversa foi aplicada nesta turma que contava com 29 alunos, no segundo semestre letivo do ano de 2018, e em duas etapas, sendo cada uma delas aplicadas em uma aula distinta (1h/aula que neste colégio tem duração de 60 minutos).

A seguir, descreve-se cada uma das partes que compuseram a Roda de Conversa.

### 3.1 Primeira Etapa: A Introdução

Esta primeira etapa foi composta por dois momentos distintos.

#### i. O primeiro momento

Neste primeiro momento, o professor da disciplina, que também apresenta-se como o pesquisador que descreve este relato de experiência, chegou na sala e explicou que a temática que seria trabalhada tratava-se sobre gênero. Em seguida, o professor solicitou aos alunos que organizassem-se em trios ou quartetos (não passando além de quartetos para facilitar a discussão e também o restante do trabalho neste primeiro momento), sendo que sozinhos os alunos decidiram e organizaram os grupos, que ficaram dispersos pelo espaço da sala.

Em seguida o professor escreveu a palavra “Gênero” no quadro e questionou



retoricamente os alunos: *O que vocês sabem sobre esta palavra?*

Em seguida explicou que os alunos teriam aproximadamente 30 minutos para discutir em seus grupos o que era gênero, e poderiam usar o celular como fonte de acesso a pesquisas. Este tempo disponibilizado para pesquisar a temática, foi necessário, pois, nem todos os alunos sabiam do que se tratava o assunto, ou porque tinham visões distorcidas sobre, e o professor ainda não havia trabalhado a temática com os mesmos.

Sendo que neste espaço de tempo, o professor percorreu os grupos, auxiliando em eventuais dúvidas, sobre a própria temática, ou fontes de pesquisa, atuando como mediador neste processo.

#### ii. O segundo momento

Após os 30 minutos destinados a esta pesquisa e discussão entre os pares, o professor forneceu uma cartolina (de cores sortidas) para cada um dos grupos, e colocou ao centro da sala uma caixa que continha diversas revistas (desde catálogos de produtos de beleza, até revistas sobre política e assuntos diversificados). E solicitou aos grupos que a partir de suas discussões e pesquisas, demonstrassem por meio de uma representação (escrita, artística, figurativa, ou qual achassem pertinente), o que eles haviam compreendido sobre a temática gênero, e que poderiam utilizar o material da caixa para auxiliar na representação, para este momento, destinou-se o restante da aula, aproximadamente 30 minutos.

### 3.2 Segunda Etapa: A Roda de Conversa

Esta segunda etapa, desenvolveu-se uma semana após a primeira, pois as aulas da referida disciplina, eram semanais. Contou também com dois momentos, sendo um deles em sala de aula, e o outro após a finalização da roda de conversa.

#### i. O primeiro momento

Nesta aula, o professor ao chegar na sala, com os cartazes confeccionados na aula anterior, solicitou para que os alunos sentassem-se em forma de um grande círculo, de maneira que os grupos formados na aula anterior ficassem próximos. Em seguida, devolveu os cartazes com as representações sobre gênero, aos respectivos autores.

Neste momento também chegou à sala, a psicóloga da escola, que iria participar da roda de conversa desenvolvida com os alunos. Tal convite ocorreu, pois, a mesma se mostrava como uma figura edificante no processo de construção da disciplina, e também nas orientações para discussões de temáticas ineptas em sala de aula, e neste momento, como uma figura externa à aula, e que poderia tirar dúvidas mais específicas, tais como ocorreram. Escolheu-se uma figura interna do colégio, também por haver certa



familiaridade dos alunos com a mesma.

Após todos os alunos estarem sentados, próximos aos seus grupos, o professor e a psicóloga também sentaram-se, dando início a explicação da dinâmica.

O professor explicou a presença da psicóloga na atividade, e também que neste momento seria desenvolvido a roda de conversa, como os alunos já tinham familiaridade com metodologia, não explicou-se neste momento em que consistia a roda de conversa em si, mas julga-se necessária fazê-lo quando se trata do primeiro contato dos alunos com tal metodologia.

Solicitou-se então para que cada grupo (um por vez e voluntariamente), mostrasse seu cartaz e explicasse o que tinham compreendido por “gênero” e como e porque haviam construído aquela representação, sendo que após a fala inicial de cada grupo os demais poderiam falar, e assim construir as discussões e conhecimentos acerca do referido tema.

Em meio as falas e as discussões dos alunos, que ao decorrer da aula foram tornando-se mais dinâmicas e orgânicas, tais como de uma roda de conversa, o professor ia atuando como um mediador, e a psicóloga enquanto uma figura presente para esclarecer alguns pontos levantados, tirar dúvidas e também instigar as discussões dos alunos. Neste momento, destaca-se que o professor poderia atuar também como tal figura, porém, visando enriquecer mais o ambiente de aprendizagem recorreu a esta estratégia.

Este momento de discussão perdurou aproximadamente 50 minutos, ou seja, praticamente toda a aula, sendo que a presença do professor enquanto mediador permitiu que as discussões percorressem por um caminho dentro do contexto da temática gênero, não se dispersando, ainda assim, o tempo foi todo preenchido em tais discussões.

## ii. O segundo momento

Após a finalização da aula, o professor recolheu todos os cartazes, pois, seriam objetos de avaliação.

Este segundo momento, portanto, se configura enquanto a avaliação da roda de conversa, realizada após o término da atividade. Os alunos sabiam previamente que a avaliação seria realizada de uma maneira diferente aquela tradicionalmente instituída, de perguntas e respostas padronizadas, haja visto que a temática gênero é muito mais complexa e ampla do que simples perguntas com uma resposta esperada pelo professor. E isso causou um certo frenesi nos alunos, mas de um ponto de vista positivo, pois estavam animados em serem avaliados para além do que sabiam ou não, e sim do seu conhecimento construído acerca da temática gênero. O que causou inclusive, uma maior liberdade para se expressarem durante a roda de conversa.

Para este momento de avaliação, o professor valeu-se das produções de cada



grupo, haja visto que os cartazes podem ser considerados meio de expressões coletivas e que reproduzem em parte o que os alunos compreenderam sobre gênero, também das anotações realizadas pelo professor sobre as discussões durante a roda de conversa, e de maneira complementar, um parecer da psicóloga, de maneira geral ao desempenho da turma, do seu ponto de vista.

#### 4. Breve desfecho

Para tecer essas considerações o professor pesquisador, que aqui relata sua experiência, descreveu alguns momentos que mais lhe pareceram pertinentes sobre toda a atividade. Colocando como “breve desfecho” pois entende que tanto a atividade proposta, quanto a temática gênero, são discussões muito para além das que aqui brevemente foram apresentadas, estas por sua vez servem como um despertar para as diferentes formas de trabalho dessas temáticas, por vezes tão temidas para alguns professores, mas tão importante para os alunos, e que podem produzir resultados surpreendentes.

Observou-se que o primeiro momento destinado a pesquisa, promoveu nos alunos um embasamento teórico para defender seu ponto de vista, sobre o que é gênero. Por meio da flexibilização da pesquisa, com auxílio de seus próprios *smartphones*, os alunos assumiram uma autonomia que naturalmente lhe é pertencida.

Porém, um relato de um dos alunos se destacou nesse primeiro momento, sendo ele: *“Professor? – Não podemos ter uma aula normal? O professor passa o texto e nós copiamos e estudamos”*. Indo de encontro ao supracitado, e como já é esperado, encontra-se resistência na adoção de metodologias ativas e que proporcionem o contato com essa autonomia discente, qual os alunos não estão acostumado, frente aos anos expostos ao ensino tradicional.

Este aspecto é corroborado pela pesquisa de Ferreira (2014), que investiga a relação de autonomia mediada pelo uso de tecnologias digitais. Destacando estes dois extremos de atitudes, uma autonomia bem incorporada, contrapondo-se a uma resistência desse novo mundo que se abre aos estudos.

As expressões coletivas construídas nos cartazes, demonstraram-se muito ricas sobre a compreensão do que é gênero para estes estudantes. Tais constatações foram corroboradas nas discussões levantadas durante a roda de conversa, também se apresentaram bastante ricas do ponto de vista dos conceitos que envolvem a temática gênero, mas também, abriram precedentes para outras indagações, permitindo aos alunos se colocarem como sujeitos do contexto que estavam estudando.

Estas observações, aproximam-se dos estudos de Piaget sobre as relações entre o desenvolvimento da inteligência humana e as interações sociais, sendo que para tal autor, estas relações são de extrema importância, estabelecendo



sistemas de cooperação que “pressupõe a coordenação das operações de dois ou mais sujeitos” fomentando um ambiente de “discussão, troca de pontos de vista, controle mútuo dos argumentos e das provas” culminando assim em uma “relação interindividual que representa o mais alto nível de socialização. E é também o tipo de relação interindividual que promove o desenvolvimento”. (TAILLE, 2016 , p. 18-19)

Podemos concluir que estes ambientes coletivos de aprendizagem, se mostraram muito promissores para a construção dos conceitos sobre gênero, e assim, fomentando uma validação necessárias, tal como destacou Crema (2016), bem como compreendendo sua complexidade, como apresentou Wolff e Saldanha (2016).

## Referências

CREMA, E. C. Rösen e o “novo humanismo” reflexões para a educação e a diferença. *In*: BUENO, A. S.; ESTACHESKI, D. T.; CREMA, E. V. (org.). **Gênero, educação e sexualidades: reconhecendo diferenças para superar [pré]conceitos**. Uberlândia: Ed. Dos Autores, 2016. p. 42-62.

FERREIRA, N. Autonomia, autoridade e confiança em tempo de novas TIC: atitudes e práticas diferenciadas entre os alunos do secundário. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. v. 27, 2014, p. 111-141.

MOURA, A. B. F.; LIMA, M. G. S. B. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da Educação**. Paranaíba, v. 5, n. 15, p.24-35, 2014.

TAILLE, Y. L. O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget. *In*: TAILLE, Y. L.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. (Org.). **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 27 ed. São Paulo: Summers, 2016. cap. 1, p. 11-22.

WOLFF, C. S.; SALDANHA, R. A. Gênero, sexo, sexualidades: Categorias do debate contemporâneo. *In*: BUENO, A. S.; ESTACHESKI, D. T.; CREMA, E. V. (org.). **Gênero, educação e sexualidades: reconhecendo diferenças para superar [pré]conceitos**. Uberlândia: Ed. Dos Autores, 2016. p. 14-41.